Mundo: produção de grãos (milhões de toneladas)

Produto	Produção			Estoque		
	2008/09	2007/08	Var%	2008/09	2007/08	Var%
Total[1]	2.291,71	2.118,12	8,20	372,12	347,54	7,07
Trigo	680,20	610,88	11,3	144,41	119,80	20,54
Arroz beneficiado	433,23	430,19	0,70	80,54	77,69	3,66
Grãos forrageiros[2]	1.084,29	1.077,05	0,67	147,17	150,05	-1,90
Milho	785,25	790,99	-0,72	107,76	122,88	-12,30
Soja	239,43	220,69	8,49	55,24	52,68	4,80
Farelo de soja	161,58	158,15	2,16	6,30	6,59	-4,40
Óleo de soja	38,11	37,46	1,73	2,48	2,68	-7,46
Algodão[3]	113,76	120,59	-5,66	55,45	61,50	-9,83

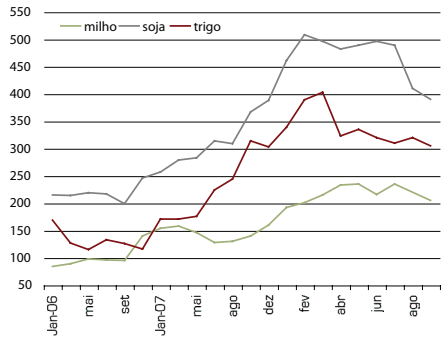
Fonte: Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (outubro de 2008)
1 Total de trigo, grãos forrageiros e arroz beneficiado
2 Milho, sorgo, cevada, aveia e centeio
3 Milhões de fardos de 480 libras

Mundo: balanço de oferta e demanda (milhões de toneladas)

Item	Soja		Trigo		Milho	
	2007/08	2008/09	2007/08	2008/09	2007/08	2008/09
Estoque inicial	62,65	52,68	127,02	119,80	108,69	122,88
Produção	220,69	239,43	610,88	680,20	790,99	785,25
Importação	77,60	77,15	112,12	120,83	95,87	81,33
Consumo	229,12	235,19	618,10	655,58	776,80	800,37
Exportação	79,14	78,84	114,85	123,18	95,77	83,87
Estoque final	52,68	55,24	117,07	142,07	122,98	105,22

Fonte: USDA. Outubro de 2008

Bolsa de Chicago: cotações de grãos



Fonte: CBOT

ao primeiro semestre deste ano. Subidas elevadas, incomuns nas eras "fundamentalistas", foram substituídas recentemente por fortes baixas.

O comportamento tem como parâmetro observar o desempenho do petróleo e do dólar americano, sintonizado nas oscilações das cotações nas Bolsas de Chicago e Nova York, as principais referências globais para as *commodities* agrícolas.

As "barreiras psicológicas" rompidas para cima agora acontecem para baixo. Os papéis da soja e do milho tiveram as maiores quedas diárias permitidas, respectivamente, de 70 centavos de dólar e 30 centavos de dólar. A volatilidade corresponde a movimentos de ação e reação, de subida e queda.

Os patamares de preços continuam superiores às médias históricas até 2006, mas será que continuarão assim? Um fato real certo é que os custos de produção ficaram maiores. Outro ponto está nos níveis baixos dos estoques para a safra mundial de 2008/09.

A firmeza das cotações dependerá da liquidez do mercado, e se deverão prevalecer decisões baseadas em hipóteses " fundamentalistas". Houve uma bolha na virada do primeiro para o segundo trimestre. Mas, como parecem estar bem alinhados com custos, produção e estoques, os níveis praticados no primeiro trimestre deste ano podem ser uma das sinalizações alternativas para olhar o futuro.

De fato, ao se tomar as estimativas anunciadas pelo Departamento de Agricultura dos EUA, a relação entre estoque sobre consumo não está longe das medias históricas. No milho, é de 13,4%, contra a média de 22,0%. Na soja, de 23,4% e 15,0%, respectivamente. Os volumes dos estoques não são folgados para atender ao crescimento da demanda dos últimos anos. A desvalorização ocorrida no preço dos dois grãos pode estar exagerada. ■

Safra 2008/09 II

Crédito muito escasso

DE ACORDO com o Plano Agrícola e Pecuário da safra 2008/09, o governo previa a aplicação de R$ 65 bilhões no financiamento para custeio, investimento e comercialização, concedida à agricultura empresarial no período de julho de 2008 a junho de 2009, sendo:

- R$ 45,4 bilhões oferecidos aos agricultores com taxa de juros controlada do crédito rural (6,75% ao ano);
- R$ 19,6 bilhões a juros livres.

Combatendo a crise

O governo federal tomou pelo menos três medidas importantes para amenizar a falta de crédito causada pela crise do sistema financeiro internacional:

- **Antecipação de R$ 5 bilhões em recursos do Banco do Brasil para operações de custeio;**
- **Elevação de 25% para 30% nas exigibilidades (recursos obrigatórios para o crédito rural) sobre os depósitos à vista, estimados em R$ 120 bilhões. Isso significa mais R$ 6 bilhões;**
- **Redução de 45% para 42%, nos depósitos compulsórios sem remuneração;**
- **Elevar de 65% para 70%, as exigibilidades sobre recursos da poupança rural, avaliados em R$ 50 bilhões, o que corresponde a mais R$ 2,5 bilhões.**

Havia ainda outros R$ 13 bilhões para serem oferecidos aos agricultores familiares com juros máximos de 5,5% ao ano.

Quando se compara os financiamentos da safra passada, no período de julho a setembro, constata-se um crescimento, da safra 2008/09 para 2007/08, de R$ 14,2 bilhões para R$ 15,5 bilhões. Do ponto de vista do crédito bancário, uma situação superior. O problema é o tranco sentido neste e previsto para o terceiro trimestre.

Na verdade, há uma dramática e justificada preocupação com a safra de grãos 2008/09, que está sendo plantada no País, pois os acessos às fontes de recursos secaram.

A fase inicial do plantio, momento crítico de maior necessidade de capital de giro por parte dos produtores, coincide com uma:

- Queda nos depósitos à vista dos bancos porque, com o fim da CPMF, as pessoas foram estimuladas a aplicar o dinheiro da conta corrente em operações de curto prazo;
- Aguda da crise financeira global.

O setor financeiro classifica como "critica" a situação do crédito rural. Com a elevação da taxa básica de juros (Selic) e a diminuição da taxa real ao setor, os bancos ficam mais cautelosos e seletivos nos empréstimos. Por sua vez, a recente renegociação das dívidas engessou boa parte dos recursos.

Além disso, os bancos tiveram que fazer empréstimos adicionais na carteira rural para cobrir "deficiências" de aplicação em anos-safra anteriores. A Federação Brasileira de Bancos (Febraban) calcula:

- Na média de 12 meses do ano-safra, um "excesso" de R$ 7,1 bilhões em empréstimos ao setor rural;
- A necessidade de liberação dos depósitos compulsórios de até R$ 9,8 bilhões para irrigar o setor rural. Essa seria a diferença entre os R$ 31,4 bilhões de recursos da exigibilidade, registrados em 30 de setembro, e os R$ 41,2 bilhões em dinheiro aplicado no setor.

De acordo com os levantamentos da Companhia Nacional de Abastecimento, as despesas diretas na produção de cereais e oleaginosas, com insumos, máquinas e mão-de-obra, concentram-se no intervalo R$ 1.500,00 a R$ 2.000,00 por hectare, em função da tecnologia empregada. Para uma área de grão em torno de 47 milhões de hectares, o orçamento ficaria entre R$ 70,5 bilhões e R$ 94 bilhões.

Cálculos oficiosos mostram que, das fontes dos recursos para financiar a safra, um terço vem do crédito rural, outro terço das *tradings*, e mais um terço dos próprios agricultores.

Com a forte volatilidade dos preços das *commodities* no mercado internacional, as *tradings* descartaram, neste ano, o modelo tradicional de financiamento por meio de compras antecipadas. Assim, para tocar as lavouras, os produtores são obrigados a colocar mais recursos próprios e a recorrer a mais empréstimos nos bancos.

Apesar das duas últimas safras renderem capitalização ao campo, o grau de endividamento do setor ainda é elevado. Como a capacidade de autofinanciamento do plantio é baixa, a saída é captar dinheiro de terceiros.

Outras medidas

O governo ainda avalia criar uma linha de R$ 1 bilhão para reforçar o capital das cooperativas de crédito e de produção agropecuária, além de alterar as regras dos Fundos Constitucionais do Centro-Oeste (FCO), do Norte (FNO) e do Nordeste (FNE).

Financiamento Rural: programação e aplicação de recurso (R$ milhões)

Fonte de recursos ou programas	2007/08		2008/09	
	Programação jul/07 a jun/08	Aplicação jul a ago/07	Programação jul/08 a jun/09	Aplicação jul a ago/08
1.Custeio e comercialização	49.100,0	13.017,8	55.000,0	13.443,7
1.1 A juros controlados	37.850,0	11.363,6	45.400,0	11.957,9
1.2 A juros livres	11.250,0	1.654,2	9.600,0	1.485,8
2. Investimento	8.900,0	1.369,8	10.000,0	2.106,8
2.1 Programas do BNDES	6.100,0	577,2	6.500,0	847,8
2.2 Demais linhas/programas	2.800,0	792,6	3.500,0	1.259,0
3. Agricultura empresarial (1+2)	58.000,0	14.387,6	65.000,0	15.550,5
4. Agricultura familiar (Pronaf)	12.000,0	1936,9	13.000,0	2.342,2
5. Agricultura total (3+4)	70.000,0	16.234,5	78.000,0	17.892,7

Fonte: MAPA

Criados em 1988 para incentivar o desenvolvimento regional, os fundos registraram arrecadação acima do orçamento previsto no fim de 2007. Até agosto, os três fundos tiveram repasses de R$ 5,736 bilhões do Tesouro. São R$ 527 milhões adicionais em oito meses.

A forma de ajudar o setor rural via fundos seria permitir:

- Ao banco das cooperativas (Sicredi) fazer operações com recursos do FCO, restritas ao Banco do Brasil;
- Ao BB, por parte do governo, que controla os conselhos deliberativos dos fundos, a permissão de operar os recursos do FNE, exclusivos do Banco da Amazônia (Basa), e do FNE, restrito ao Banco do Nordeste (BNB);
- Financiamento do comércio exterior (ACCs) nas regiões. Permitido por lei, isso precisaria ser autorizado pelos conselhos deliberativos para eventual ampliação dos limites de crédito. As *tradings* poderiam ficar estimuladas a financiar a safra.

A CNA (Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária) apresentou as seguintes propostas ao governo:

- Desclassificação do risco para os produtores que renegociaram as suas dívidas. Cerca de 20% deles estão nessa situação;
- Prorrogar para maio a parcela da renegociação da dívida que vence neste mês, estimadas em R$ 5 bilhões

Os critérios de classificação de risco, previstos na Resolução nº 2682, do Banco Central, prevêem a capacidade dos mutuários de honrar o pagamento dos empréstimos feitos nas instituições financeiras, medida em nove níveis. Quanto maior o nível, mais alta é a probabilidade do produtor rural não pagar os empréstimos contratados.

Para que o produtor possa obter crédito, precisa estar classificado no nível C, o patamar mínimo para conseguir recursos sem maiores dificuldades. Acontece que muitos produtores, ao renegociarem seus débitos com base na Lei nº 11.775, mesmo adimplentes, tiveram seus riscos rebaixados pelos bancos. ■

Safra 2008/09 III

Recorde ou encolhimento

A SAFRA 2009/10 é plantada, em grande parte, com base nos insumos que foram comprados no primeiro semestre, quando a relação de troca estava adequada para o setor. O impacto da falta de crédito na produção de grãos ficará mais definido entre novembro e dezembro.

Antes do agravamento da crise internacional havia forte especulação nos mercados futuros. Com a falta de liquidez, grandes fundos retiraram suas posições dos mercados. Os preços voltaram a um patamar intermediário, mas ainda remuneram a produção, de maneira geral.

Para valer a lei dos preços mínimos, o governo precisará recalcular os valores com base nos novos custos de produção e colocar os recursos do orçamento em tempo hábil durante a colheita. Para a renda do campo será vital a aplicação dos instrumentos de política agrícola, como a Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM) que engloba o Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (Pepro), a Aquisição do Governo Federal (AGF), entre outros.

A crise dos mercados financeiros afeta o País, seja por meio do custo mais alto de produção, com gastos mais elevados com fertilizantes, quanto pelo estrangulamento do crédito.

Há um descasamento direto, com redução de ACC (Adiantamento de Contrato de Câmbio) e do financiamento das corporações. Uma temporada mais onerosa e com maior exigência de capital de giro.

Se essa situação delicada persistir, a médio prazo o poder de compra dos países emergentes será afetado. Isso terá impacto sobre o consumo dos alimentos e levará a uma queda dos preços de *commodities* agrícolas.

Com expectativa bastante promissora no primeiro semestre, o cenário ficou bastante negativo. Em comparação às temporadas passadas, a safra apresenta pequena antecipação de vendas. Na esperança de preços mais lucrativos, os agricultores postergaram os contratos de venda, enquanto devido à volatilidade dos preços, as *tradings* não pressionaram negócios. Operações antecipadas de soja não passam de 30%, contra 80% no ano passado.

Brasil: vendas de defensivos vegetais (US$ milhões)

	2007	2008
Herbicida	2.685	3.881
Inseticida	1.916	2.456
Fungicida	1.351	1,721
Acaricida	127	159
Outros	122	266
Janeiro a Setembro	6.291	8.483
Total	10.070	12.000*

Fonte: Sindag. (*) previsão

Apesar de ter assumido custo elevado de produção, o horizonte de preço e câmbio do agricultor está coberto de neblina. No primeiro semestre, o primeiro subia, e o segundo caia. Atualmente, o movimento tomou sentido inverso.

Em seu primeiro levantamento da safra de grãos 2008/09, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa ofi-